Pierre Grimal Mitologia grega



MITOLOGIA GREGA – Relatos fantásticos e lendas cujos textos e monumentos representativos nos mostram que estavam em voga nos países de língua grega dos séculos IX e VIII antes da nossa era – época a que se reportam os poemas homéricos – até ofim do paganismo, três ou quatro séculos depois de Jesus Cristo. É uma matéria enorme, de definição bastante complicada, de origens e características muito diversas e que desempenhou e desempenha ainda um papel considerável na história espiritual do mundo. Todos os povos em um determinado

Introdução

O MITO NO PENSAMENTO DOS GREGOS ANTIGOS

Dá-se o nome de mitologia grega ao conjunto de relatos fantásticos e lendas cujos textos e monumentos representativos nos mostram que estavam em voga nos países de língua grega entre os séculos IX ou VIII antes de nossa era, época a que se reportam os poemas homéricos, e o fim do paganismo¹, três ou quatro séculos depois de Jesus Cristo. É uma matéria enorme, de definição bastante complicada, de origens e características muito diversas e que desempenhou e desempenha ainda um papel considerável na história espiritual do mundo.

Todos os povos, em um determinado momento de sua evolução, criaram lendas, ou seja, relatos fabulosos aos quais durante certo tempo deram crédito – ao menos em algum grau. No mais das vezes, as lendas, por fazerem intervir forças ou seres tidos como superiores aos humanos, pertencem ao domínio da religião. Elas se apresentam, pois, como um sistema mais ou menos coerente de explicação do mundo, e cada um dos gestos do herói cujas proezas são relatadas é criador e gerador de consequências que ressoam pelo universo inteiro. A esse tipo pertencem os grandes poemas épicoreligiosos da literatura indiana. Em outros países é um elemento épico que predomina. É claro que os deuses não estão ausentes do relato, no qual sua ação é sensível, mas a gênese do mundo não chega a ser posta em questão. O herói se contenta em dar grandes golpes de espada, inventar ardis memoráveis, realizar viagens a países fantásticos, mas, mesmo ultrapassando a escala humana, continua essencialmente humano. A esse tipo pertencem sobretudo os ciclos lendários dos celtas, que os romanos gauleses, por exemplo, nos fizeram conhecer. Em outros lugares ainda, os relatos do mito acabaram perdendo quase todo o seu caráter fabuloso, passando a se dissimular sob as aparências da história. Os romanos, particularmente, parecem ter integrado dessa maneira, em suas crônicas mais antigas, verdadeiras gestas lendárias: o heroísmo de Horácio Cocles defendendo a ponte do Tibre contra os invasores não é, segundo se diz, senão a última metamorfose de um demônio caolho cuja estátua, colocada na margem do rio, teria perdido o significado inicial e finalmente servido para fabricar por completo um episódio da luta (em parte histórica) entre romanos e etruscos.

O mito, na Grécia, adquire todas essas naturezas. Colore-se de história e serve de título de nobreza para as cidades ou para as famílias. Desenvolve-se como epopeia e apoia ou explica as crenças e os ritos da religião. Nenhuma das funções que a lenda ocupa em outros lugares lhe é estranha. Mas ele é muito mais. A palavra grega que serve para designá-lo (μυθοζ) aplica-se a todas as histórias contadas, tanto ao tema de uma tragédia ou intriga de uma comédia quanto ao tema de uma fábula de Esopo. O mito opõe-se ao *logos*, como a fantasia opõe-se à razão e a palavra que relata à que demonstra. *Logos* e *mythos* são as duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida do espírito. O *logos*, sendo um raciocínio, pretende convencer; ele provoca em quem ouve a necessidade de fazer um julgamento. O *logos* é verdadeiro se for correto e conforme à "lógica"; é falso se dissimular algum embuste secreto (um "sofisma"). Mas o "mito" não tem outro fim senão ele mesmo. Quer se

acredite nele ou não, ao bel-prazer, por um ato de fé, quer seja considerado "belo" ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja acreditar nele. O mito se vê, assim, atraindo à sua volta toda a parte irracional do pensamento humano: ele é, pela própria natureza, aparentado da arte, em todas as suas criações. Esta é talvez a característica mais interessante do mito grego: a constatação de que ele se integrou a todas as atividades do espírito. Não existe nenhum domínio do helenismo, tanto na plástica quanto na literatura, que não tenha constantemente recorrido a ele. Para um grego, o mito não conhece fronteiras. Ele se insinua em toda parte. É tão essencial a seu pensamento quanto o ar ou o sol o são à sua própria vida.

As primeiras epopeias hoje conhecidas em língua grega, a *Ilíada* e a *Odisseia*, já são "mitos" no sentido amplo. Caracterizam-se pela mistura constante do humano e do super-humano. Os heróis da *Ilíada* têm por ancestrais, ou por pais, uma ou várias divindades e ao mesmo tempo são considerados ancestrais de famílias nobres históricas. Aquiles é filho de Tétis, deusa do mar, e seu destino é determinado por oráculos existentes por toda a eternidade. Helena, pivô da guerra de Troia, é filha de Zeus, e foi a vontade de Afrodite, a deusa do amor, que a levou a deixar o marido e a filha quando o troiano Páris foi buscá-la em Esparta. Nos dois campos combatem deuses e deusas: Apolo, protetor de Páris, ofendido por causa de um de seus sacerdotes, cuja filha Crises fora raptada pelos aqueus², semeia a peste nos seus exércitos. Posídon, Atena e Ares intervêm na luta. E as proezas de Aquiles são o testemunho, sem dúvida, não só do valor pessoal do herói, mas também da proteção divina que não lhe falta em nenhum momento.

Dá-se o mesmo com a *Odisseia*. A descendência divina de Ulisses é sem dúvida menos atestada – a tradição que faz dele o bastardo de Autólico, filho de Hermes, não é a única conhecida –, mas a deusa Atena se constitui sua protetora e é ela que, finalmente, o salva da ira e do rancor do deus do mar, Posídon. A epopeia grega pretende essencialmente engrandecer os debates dos homens e, através do mito, ampliá-los às dimensões do universo. Seus relatos, tomados à letra, manifestam uma fé religiosa: Zeus e as divindades do Olimpo intervêm nas questões humanas de modo concreto; é preciso honrá-los com sacrifícios, acalmar seus ressentimentos, ganhar suas boas graças por todos os meios. Mas, desde logo, a interpretação tende a ultrapassar a estreita materialidade. Quando Zeus pesa em uma balança os "destinos" (as moiras) de Aquiles e de Pátroclo se enfrentando num combate singular sob os muros de Troia, é bem difícil admitir que os gregos da época clássica tenham acreditado de fato na gigantesca balança, da qual um de seus pratos tocava o céu e o outro mergulhava nas trevas infernais, mesmo que Ésquilo, em uma tragédia perdida, tenha acreditado ser possível representar no mundo material esse juízo de almas. O mito não é urgente em seus termos. Ele desenha uma imagem, um símbolo, de uma realidade que, de outro modo, seria inefável. É bastante provável que aos próprios olhos do poeta o episódio tenha sido tão-somente um meio de expressão, uma forma de revelação que ajudava a conceber o mistério do mundo, mas que não devia ser tomado ao pé da letra.

Da mesma maneira, os santuários erigidos às divindades mostravam, sobre seus frontões, um episódio característico da lenda do deus ou da deusa a quem pertencia o templo. Sobre o frontão leste do Parthenon, tem-se o nascimento milagroso de Atena; no oeste, a disputa de Posídon e Atena reivindicando, ambos, a posse de Ática. Essas imagens encarnam, de maneira *total*, e melhor do que faria qualquer análise apoiada em palavras, o sentimento que os atenienses tinham de sua cidade e de si mesmos: Atena jorrando da cabeça do mestre todo-poderoso, nascida sem mãe, assim como o

povo ático "saiu do sol" (autóctone, dizia-se então), mas saída contudo da Prudência (*Métis*), a quem, no passado, seu pai se unira. Deméter e Core – a Terra e a Vegetação – aguardam com serenidade o anúncio do nascimento milagroso. E logo em seguida, sobre a terra banhada de presentes do mar, impregnada do sal e do vento marinho de Posídon, a deusa fará brotar a oliveira, a mais lenta, a mais sábia, a mais luminosa de todas as árvores. Mesmo que não se acreditasse mais em sua verdade literal, o mito de Atena não deixava de ensejar meditações infinitas nem de ser uma inspiração cuja força, passados tantos séculos, ainda não se esgotou.

Do pensamento, o mito passou a viver uma vida própria, no meio do caminho entre a razão e a fé ou o jogo. Tornou-se a fonte de toda a meditação dos gregos e, depois deles, de seus longínquos herdeiros; no mito, os poetas trágicos foram buscar seus temas, e os poetas líricos, suas imagens. Prometeu, Édipo, Orestes foram primeiramente heróis de lenda. As imagens de Aquiles ou de Ulisses e a loucura de Ajax foram incansavelmente reproduzidas em vasos: cântaros de vinho, tigelas e recipientes de toda espécie misturavam o mito à vida cotidiana e tornava-os familiares. Em casa ou no teatro, suas representações são companhias que impregnam o pensamento, ocupam a imaginação, dominam as concepções morais. Até os filósofos, quando o raciocínio chega ao limite, recorrem a ele como um modo de conhecimento suscetível de alcançar o inconhecível. Assim, Platão, em Fédon, em Fedra, em O banquete e em A república, entre outros, prolonga seu pensamento com mitos que ele inventa. Sem dúvida não é exagero afirmar que essa generalização do mito, essa liberação de seus poderes, foi um dos aportes fundamentais – talvez o aporte mais essencial – do Helenismo ao pensamento humano. Graças a ele, o sagrado perdeu seus terrores; uma região inteira da alma se abriu à reflexão; graças a ele, a poesia pôde se fazer sabedoria.

^{1.} Paganismo: religião pagã, em que se adoram muitos deuses. (N.T.)

^{2.} Aqueus: naturais ou habitantes de Acaia, colonizadores da Grécia antiga. (N.T.)

CAPÍTULO I

MITOS E MITOLOGIA

O trabalho dos escritores e dos sábios antigos que utilizaram os dados lendários ou que simplesmente os recolheram não conseguiria nos ocultar a surpreendente diversidade dessas lendas nem mesmo a incoerência que lhes é própria. Homero, Hesíodo, Píndaro e Ésquilo dão, é verdade, a impressão de se referir a um sistema mítico bem definido cujos deuses e heróis apresentam características fixas irrevogáveis e parecem possuir uma lenda de episódios conhecidos. Mas é uma impressão enganadora; ela resulta sobretudo do fato de esses poetas (Hesíodo, na qualidade de autor da *Teogonia*, é posto à parte) procederem quase unicamente por alusão e não exporem de maneira didática as genealogias divinas ou os relatos aos quais eles se referem. No entanto, mesmo nessas condições, basta uma análise mais atenta para revelar diferenças ou contradições entre os autores, e por vezes em um mesmo autor. A unidade não é introduzida senão de maneira fictícia e secundária. Os mitos não nascem como um conjunto organizado, à maneira de um sistema filosófico, teológico ou científico. Eles brotam ao acaso, tal qual as plantas, cabendo ao mitólogo organizá-los em famílias, espécies e variedades.

Sobre um ponto aparentemente tão essencial quanto o nascimento de Zeus, o maior dos deuses, existem as mais diversas tradições. A mais conhecida situa o lugar de nascimento no alto do monte Ida, em Creta; porém, na mesma ilha, o monte Dicte reivindicava a mesma honra e, ao sul do Peloponeso, existia ainda, perto de Micenas, uma fonte chamada Clepsidra, ao lado da qual teria nascido a criança divina.

Todos esses santuários e todas essas diferentes lendas só se tornaram contraditórias no dia em que se tentou identificar o Zeus cretense, demônio do Ida ou do Dicte, e o Zeus miceniano³ do monte Itome. A contradição não existe senão no âmbito de uma "mitologia" pan-helênica. Mas é evidente que a constituição de tal mitologia não é de nenhum modo primitiva, sendo já o resultado de uma reflexão sobre o mito.

Às vezes as dificuldades encontradas são mais delicadas de resolver, pois se devem ao fato de a lenda ter se desenvolvido em tempos e estágios sociais ou históricos diferentes. As genealogias dos Atrides⁴ nos falam de senhores de Micenas, de senhores de Tirinto e de senhores de Argos, e muitas vezes é difícil distinguir entre esses reinos. Tudo se esclarece se pensarmos que o grande desenvolvimento de Tirinto e Micenas não é contemporâneo ao de Argos. Uma lenda local de Micenas que faz referência a um "rei" do país torna-se incompreensível num tempo em que a suserania não está mais em Micenas, mas em Argos. De modo espontâneo, o contador faz a transposição necessária, mas certos elementos tipicamente locais permanecem e engendram a confusão. É ainda o que acontece com toda uma série de lendas tessálias, que têm duplicatas no Peloponeso. Corônis, amada de Apolo e mãe do deus da medicina Asclépio, é tida normalmente como filha do Tessálio Flégias. Mas consta ao mesmo tempo que Flégias era na realidade um habitante de Epidaure, no Peloponeso, o que explica que o culto de Asclépio tenha florescido em Epidaure. Essas variantes refletem, na realidade, um tempo em que o mesmo povo ocupava um domínio que se estendia da Tessália⁵ até Epidaure – ou, caso se prefira, que emigrara da Tessália para

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this

book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this

book.

You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this

book.

Pierre Grimal, especialista em história antiga de renome mundial, foi membro da Academia Francesa.

Texto atualizado conforme a nova ortografia.

Título original: La Mythologie Grecque

Tradução: Rejane Janowitzer

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Pórtico das Caríades (421a.C., Atenas)

Preparação de original: Bianca Pasqualini

Revisão: Simone Diefenbach Borges

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G873m

Grimal, Pierre, 1912-1996

Mitologia grega / Pierre Grimal; tradução de Rejane Janowitzer. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

(Coleção L&PM POCKET; v. 782)

Tradução de: La Mythologie Grecque

ISBN 978.85.254.2956-8

1. Mitologia grega. I. Título. II. Série.

09-1899. CDD: 292.08

CDU: 255.2

© Presses Universitaires de France, La Mythologie Grecque

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777 - Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

O mito no pensamento dos gregos antigos

Capítulo I: Mitos e mitologia

Capítulo II: Os grandes mitos teogônicos

Capítulo III: O ciclo dos olímpicos

Capítulo IV: Os grandes ciclos heroicos

Capítulo V: A vida das lendas

Capítulo VI: Os mitos diante da ciência moderna